

DO *SHTETL* AO XINGU: IDENTIDADE CULTURAL E MEMÓRIA NO ROMANCE *A MAJESTADE DO XINGU*

Rodrigo Marçal Santos*

RESUMO:

O presente estudo é o resultado de uma investigação sobre o romance *A majestade do Xingu* (1997), de Moacyr Scliar, a partir das relações entre memória, história e identidade cultural características desse romance, bem como as relações entre narrativa histórica e narrativa ficcional presentes na obra devido ao personagem histórico Noel Nutels. Para isso, este estudo fundamentou-se em teorias contemporâneas sobre os conceitos de “identidade cultural”, “tradução cultural” e “negociações culturais”, buscando observar como esses subsídios teóricos e conceituais auxiliam a compreensão do romance *A majestade do Xingu* como texto que aborda questões ligadas à “identidade judaica” e à “identidade brasileira”.

PALAVRAS-CHAVE: História; Imigração judaica; Literatura contemporânea.

Introdução: do *shtetl* ao Brasil

Escrito por Moacyr Scliar e publicado em 1997, o romance *A majestade do Xingu* põe em crise identidades culturais de judeus e índios, ao abordar passagens relevantes da história do Brasil ao longo do século XX. Vencedor dos prêmios Jabuti (em 1988, 1993, 2000 e 2009) e *Casa de las Américas* (em 1989), com títulos traduzidos para doze idiomas, Scliar privilegia, em parte de sua produção literária, ensaística e de ficção, o tema da imigração de judeus das pequenas aldeias (*shtetl*) do Leste europeu, especialmente da Rússia, para o Brasil, o que faz de alguns de seus romances releituras da história a partir das circunstâncias trágicas definitivas para os deslocamentos geográficos e culturais desse grupo étnico. Em *Imigrantes judeus/escritores brasileiros*, Regina Igel, ao comentar a respeito do autor de *A majestade do Xingu*, afirma que Scliar “resume, na sua pessoa, e em grande parte

* Mestre em Estudos Literários (FALE/UFMG)

da sua escrita, a dualidade típica do brasileiro nato, criado na cultura brasileira e herdeiro de uma bagagem cultural judaica europeia” (IGEL, 1997, p. 61). Por meio do resgate da memória coletiva e do reposicionamento de dimensões históricas e culturais, seus textos sobre o judaísmo abordam a temática da cultura do *shtetl* e das contingências dos imigrantes judeus forçados a abandonarem a vida na aldeia para fugirem da violência do império czarista.

Personagem literário da fuga do *shtetl* para o Brasil, o narrador do romance *A majestade do Xingu* expõe a crise que se evidencia a partir da viagem de imigração. O romance especula, por meio da ficção, sobre experiências intersubjetivas diversas, deixando explícita, através do personagem histórico Noel Nutels, a condição subalterna das nações indígenas no Brasil: semelhanças e diferenças entre os índios e os judeus russos tornam-se flagrantes nesse texto ficcional, que às vezes admite o trânsito de itens culturais, às vezes aponta a distância abissal entre as culturas indígenas e a judaica asquenazita, mas sempre revela o lugar que a história reservou a determinados grupos étnicos. O narrador de *A majestade do Xingu* aproxima-se das fronteiras, dos limites circundantes das condições de imigrante, de índio, de brasileiro.

O objetivo deste artigo é contribuir para as reflexões sobre o conceito de “identidade cultural” e para a compreensão de *A majestade do Xingu*, narrativa que põe em perspectiva as identidades culturais de índios e judeus russos, por meio da compreensão da relevância desse conceito para o texto de Scliar, partindo-se da premissa de que as identidades dos índios brasileiros e dos judeus russos não são estanques nem homogêneas.

Literatura e identidade cultural

A imigração de judeus russos para o Brasil é o elemento motivador da narrativa em *A majestade do Xingu*. A partir da trajetória política do médico sanitariano Noel Nutels, personagem histórico relevante para o indigenismo brasileiro no século XX, que veio com a família da Rússia para o Brasil, a narrativa desestabiliza noções cristalizadas no senso comum acerca da “identidade cultural brasileira” e compara o extermínio dos índios no Brasil ao desaparecimento da cultura ídiche no Leste europeu.

Narrado em primeira pessoa por um narrador-personagem obcecado pela biografia de Noel Nutels, o romance de Scliar reverencia “o médico dos índios” ao mesmo tempo em que põe em perspectiva eventos da história do Brasil no século XX, como a ditadura do Estado Novo (1937-1945) e o regime autoritário que entrou em vigor no país a partir do golpe militar de 1964 e durou até o final da década de 1980. *A majestade do Xingu* faz soarem, por intermédio de um narrador-personagem sempre fora dos lugares hegemônicos a partir dos quais se produzem e irradiam significados para a “identidade judaica” ou para a “identidade brasileira”, vozes silenciadas pelo discurso da narrativa histórica tradicional, responsável pela idealização do “paraíso tropical”, repleto de belezas naturais exuberantes e exóticas, paisagem perfeita para a instituição de uma generosa “democracia racial”:

Noel Nutels. Lembro como se fosse hoje o primeiro dia em que o vi, menino ainda. Foi no navio que nos trouxe para o Brasil, em 1921. Era um navio alemão, mas não tinha nome alemão, chamava-se *Madeira*, em homenagem à ilha portuguesa. Simbólica coincidência: de certa forma refazíamos a viagem dos navegadores portugueses, Cabral e os outros. Como eles, atravessaríamos o oceano rumo ao Brasil; não numa precária caravela, mas também não num luxuoso transatlântico – longe disso. O senhor precisava ter visto o *Madeira*, doutor. A rigor, nem navio de passageiros era; tratava-se de um cargueiro adaptado para o transporte de emigrantes. No porão tinham instalado beliches, oitenta beliches triplos, quase nenhum espaço entre um e outro. Latrinas, quatro; pias, quatro, nem sempre com água. Era impossível ficar naquele porão, passávamos a noite lá, mas mal amanhecia subíamos para respirar um pouco de ar fresco. O senhor conhece aquele quadro do Lasar Segall, *Navio de emigrantes*? Aquele quadro que mostra pessoas amontoadas num convés, pessoas de olhar triste? Era exatamente aquilo. Nós estávamos emigrando, doutor. Melhor dito: estávamos fugindo. Fugindo da Rússia. (SCLIA, 1997, p. 10-11)

Os personagens da imigração têm suas individualidades postas em suspensão. No navio, lugar da oscilação, a identidade individual cede lugar à conformação da massa de pessoas de olhar triste amontoadas num convés, tal como na pintura de Segall. A viagem de travessia do Oceano Atlântico deixa a marca da transição na personalidade do narrador e a comparação entre a viagem dos portugueses e a viagem dos imigrantes redefine

os fluxos migratórios como conseqüências do internacionalismo inaugurado pelas grandes navegações, responsáveis por fortes transformações no mapa do mundo ocorridas a partir do final do século XV:

É a lógica disjuntiva que a colonização e a modernidade ocidental introduziram no mundo e sua entrada na história que constituíram o mundo, após 1492, como um empreendimento profundamente desigual, mas “global”, e fez do povo caribenho aquilo que David Scott recentemente descreveu como “os recrutas da modernidade”: (HALL, 2003, p. 32)

A América Latina tornou-se, desde que portugueses e espanhóis dela se apossaram, objeto de desejo e projeção de anseios irrealizáveis no Velho Mundo, possibilidade de empreendimentos lucrativos, local da aventura, da esperança de encontrar ouro e do terror ligado aos índios e ao desconhecido. Dessa forma, a colonização deu início à longa (e infundável) tradição da vinda de estrangeiros para o Brasil: europeus, principalmente portugueses, vindos para se estabelecerem como colonizadores; cristãos-novos ou cripto-judeus fugindo das fogueiras da Inquisição; negros africanos trazidos pela engrenagem da escravidão, forçados a imigrarem; e, finalmente, as levas de imigrantes vindos a partir do final do século XIX (da Europa e de outras partes do Globo) devido à suposta necessidade de substituição da mão-de-obra dos negros após o fim da escravidão. Sucessivos fluxos de grupos étnicos distintos fizeram (e continuam fazendo) do Brasil um local de encontro de diferentes nacionalidades, religiões, modos de falar, histórias de segregação. Na história do Brasil independente, republicano, sem escravidão, politicamente democrático, tornou-se presente o imaginário de uma democracia racial, um paraíso tropical que contou e conta com as contribuições de diversas etnias para a formação de um país de relações modernas, pacíficas, avançadas. Um exemplo para o mundo, até mesmo para países europeus com conflitos de motivação étnica. Romance a respeito de alguns dos encontros que possibilitaram inúmeros intercâmbios culturais, *A majestade do Xingu* põe em crise estereótipos do Brasil como “país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza”, onde as pessoas são irresistivelmente atraídas pela felicidade.

No contexto dessa “geleia geral”, o narrador manifesta-se como um judeu russo, imigrante que saiu da Rússia fugindo das ameaças dos *pogroms* e da pobreza. A partir do olhar desse personagem, as imagens do Brasil, do índio e do judeu russo são reposicionadas, relativizadas. Desde as contingências da saída do *shtetl* para o Brasil, o narrador-personagem assume uma postura de releitura: no parágrafo destinado à narração do momento em que o protagonista “conheceu” Noel Nutels, a viagem dos imigrantes no navio simbolicamente “batizado” de Madeira é aproximada da viagem dos portugueses nas naus comandadas por Pedro Álvares Cabral. A passagem realinha o contexto dos fluxos migratórios da Europa para o Brasil iniciados no final do século XIX, interpretando-os a partir da “aventura” dos colonizadores, e ressignifica a chegada dos portugueses ao Brasil em 1500, apresentando-os ao leitor como imigrantes, fundadores da tradição da “modernidade ocidental” europeia de procurar além-mar soluções para as carências materiais do Velho Mundo. A história do “descobrimento” é relativizada a partir do ponto de vista do narrador, protagonista de uma narrativa ficcional fortemente marcada pelo estranhamento de sua identidade cultural de judeu do *shtetl*, às margens do *stabilishment* czarista ou em São Paulo, no bairro étnico do Bom Retiro:

Agora estávamos morando no Brasil. Melhor: estávamos morando no Bom Retiro. Na rua se falava iídiche, havia sinagogas, escolas judaicas, sociedades judaicas. Sim, as redondezas estavam cheias de góim, e muita surra eu levaria no Sábado de Aleluia para aprender a não judiar de Cristo – mas, de alguma forma, nós nos sentíamos em casa. (SCLLAR, 1997, p. 56-57)

Não é mais a identidade nacional e a literatura como expressão dessa identidade que está em foco. Ao contrário, o que se transforma, simultaneamente, em motivo e objeto da narração é a sensação de estranhamento em qualquer lugar. A esse propósito, desde o fim do século XIX, como exemplificam os narradores machadianos Brás Cubas e Dom Casmurro, a literatura brasileira vem se tornando campo, também, de crítica sobre os mitos fundadores da nação. Já no início do século XX, a produção artística do modernismo apresentou-se como projeto de rever as identidades étnicas a partir da reavaliação da participação das culturas indígena e negra na identidade nacional brasileira e de se

posicionar criticamente a respeito da ocultação da participação desses dois “segmentos” étnicos na formação do povo brasileiro. Romances como *Memórias sentimentais de João Miramar* e *Serafim Ponte-Grande*, de Oswald de Andrade, apresentaram interpretações inovadoras para as relações entre os ingredientes culturais diversos da sociedade brasileira.

A majestade do Xingu inscreve-se nessa tradição de crítica sobre a formação da “identidade brasileira”, interrogando e deslocando uma série de estereótipos. O contato entre os índios e os homens civilizados é teatralizado e a ficção pode espelhar a respeito da reação dos índios, seus sentimentos, seus temores. Um ponto a se destacar na comparação entre os índios do Xingu e os judeus russos do *shtetl*, central na trama da narrativa, é que a violência e a degradação humana são fatores de aproximação entre esses dois grupos étnicos. No enredo do romance a violência característica dos embates entre colonizadores e índios, “transformados” em estrangeiros em seu próprio habitat, e a violência dos massacres promovidos pelos soldados do Império Czarista nas aldeias judaicas são índices de aproximação entre o judeu russo e o índio do Xingu. O tom pessimista e lamurioso do narrador denuncia que a civilização brasileira fundou-se sobre o massacre dos índios e reserva para eles um lugar específico, mantendo-os material e culturalmente circunscritos: ser índio significa, nessa perspectiva, ser estranho à cultura brasileira, formar, às margens da sociedade luso-americana, “obstáculos” à soberania nacional, “quistos” culturais ou étnicos, para utilizar uma expressão consagrada pelo vocabulário da eugenia e frequente entre os racistas brasileiros da década de 30 do século XX (LESSER, 2001, p. 213). Dessa forma, os índios, refugiados para o Brasil central, continuaram no século XX (e continuam no começo do XXI) sendo vítimas de ações perversas e violentas, sendo exterminados e silenciados, e é nesse sentido que o romance adquire contornos de denúncia contemporânea sobre o massacre étnico ainda em curso, que repetiu e repete metodologias consagradas pela colonização: “(...) Depois de desperdiçar muita munição, João Mortalha resolve mudar de estratégia; a conselho de um garimpeiro, recorrerá a um método que funciona desde o período colonial. Trata-se de transmitir variola aos índios. (...)” (SCLIAR, 1997, p. 125)

Se o conceito de “identidade cultural” apreende a sensação de pertencimento como algo dinâmico e diverso, não estanque e monótono, se as identidades culturais estão sempre em movimento, em *A majestade do Xingu*, ser judeu é sentir-se estranho, impróprio a todo lugar: estar em casa é sempre relativo. Nesse sentido, o judeu russo se solidariza com o índio, que, a rigor, viu sua “casa” ser invadida e foi transformado em obstáculo para o progresso da civilização ao longo da colonização. O imigrante, como sujeito que se retira ou foge de seu país de “origem”, vivencia os incômodos de pôr suas identidades, literalmente, em movimento. Obrigado a se deslocar, a sair de sua primeira “casa”, ele não consegue se acomodar, apegar-se a alguma sensação ilusória e confortante de “possuir” uma identidade, um lar; ao contrário, o personagem da imigração é aquele que frequenta espaços de suspensão da identidade, como observou Maria Zilda Cury acerca do narrador do romance de Scliar:

O vapor é um espaço de transição, a meio caminho entre a terra natal e a nova terra, entre-lugar que se incorporará à identidade do imigrante: casa flutuante, transporte que sulca águas sem deixar rastros. O olhar deste narrador é marcado pela oscilação basculante do navio, que condiciona a visão do novo país e reflete os fragmentos de um mundo que se deixou para trás, mas ao qual sempre se volta, ainda que na lembrança. (CURY, 2002, p. 15)

Manifestando-se no romance como judeu do Leste europeu, incapaz de esquecer definitivamente os fantasmas do *shtetl*, o narrador é personagem de uma crise permanente, exemplo das reflexões de Stuart Hall: “paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar” (HALL, 2003, p. 44). O narrador de *A majestade do Xingu* não se manifesta como “portador” de uma identidade bem delimitada; pelo contrário, ao longo da narrativa encontram-se várias passagens a respeito da relação conflituosa do protagonista com os itens culturais do judaísmo e com os aspectos culturais da cidade de São Paulo, do bairro do Bom Retiro. O que se apresenta como indispensável na reflexão de Stuart Hall, ao chamar a atenção para a necessidade de se retirarem os aspectos ontológicos do conceito de “iden-

tidade cultural”, é o caráter artificial e transitório da(s) identidade(s), algo que deixaria à mostra o aspecto redundante da expressão “identidade cultural”: a identidade, conceito relativo às condições que estabelecem o sentimento de pertencimento a um determinado grupo ou condição, é necessariamente cultural.

A propósito da “identidade cultural” judaica, deve-se observar que, ao longo da história da diáspora, os judeus foram constrangidos à sobrevivência em situações ambíguas quanto à nacionalidade, muitas vezes em decorrência de dispositivos restritivos em relação à ocupação e utilização da terra, à livre circulação pelo território do Estado nacional, à escolha da profissão. Nos países do Leste europeu, a identidade comunitária da aldeia sobressaía em relação à identidade nacional, porque a sobrevivência dos judeus estava delimitada ao território do *shtetl* e a identidade nacional guardava relações com a violência dos *pogroms*. Em outras palavras, identidade judaica e identidade nacional eram incompatíveis; a rigor, os judeus não eram russos, mas apenas estavam na Rússia, restritos ao território da aldeia:

Meu pai pensava diferente. Sim, as coisas eram difíceis na Rússia, mas quem garantia que em outras terras viveríamos melhor? No *shtetl* éramos pobres, mas pelo menos ele tinha uma profissão, podia alimentar, ainda que mal, a família. Além disso, aquela era a nossa terra; verdade, os judeus eram maltratados e perseguidos na Rússia, mas a aldeia era o nosso lar, precário e perigoso lar, mas lar, de qualquer forma. (SCLIAR, 1997, p. 17)

O narrador-personagem de *A majestade do Xingu* “fala” a respeito das marcas melancólicas causadas pelo deslocamento migratório como forma de sobrevivência pessoal e narra, ao mesmo tempo, o trágico fim da cultura ídiche. No romance, o estereótipo do exímio comerciante judeu e a ideia de imigração como empreendimento calculado são desconstruídos. Ao invés de se apegar a essas imagens fixas, em meio a uma quantidade grande de vozes “coordenadas” pelo narrador, a narrativa presta-se a retirar do esquecimento o sofrimento dos judeus do *shtetl*, numa espécie de “genealogia” da violência praticada contra os judeus, causa do extermínio biológico de uma existência cultural específi-

ca, que se caracterizou como evento-limite no genocídio posto em prática durante a Segunda Guerra Mundial:

No mais denso agrupamento judaico, as relações interculturais com o meio não-judeu eram reduzidas. O judeu religioso e supersticioso era o habitante típico do *shtetl*. Seus padrões religiosos e culturais diferiam dos padrões veiculados no meio circundante. O *modus vivendi* na “cidadezinha” fascinava a muitos que, com o olhar do outro, a vislumbravam pela espiritualidade e a devoção religiosa, sobretudo hassídica, idealizada em uma luta permanente entre o bem e o mal, em meio a um mundo povoado por demônios. A partir da segunda metade do século XIX teve início uma crise provocada pelo confronto das pequenas cidades com a realidade da industrialização crescente e da forma de economia capitalista, que não só exigiu mudanças radicais, como também provocou uma intensa emigração para a América. No século XX, constata-se o agravamento da crise: com a Primeira Guerra Mundial, judeus perdem suas moradias, lojas, oficinas e lavouras; e os que viviam em território russo são atingidos pela guerra civil, por epidemias e *pogroms*. A partir de então, teve início no *shtetl* a busca por novos horizontes nacionais e sociais. As opções eram o regresso a Eretz Israel, de acordo com a proposta do movimento sionista, ou a emigração para a América. Mas muitos optaram por permanecer no *shtetl* e promover um regime social cada vez mais justo. Porém, com o Holocausto esse mundo sofreu um golpe fatal. O extermínio de grande parte de seus habitantes que não conseguiram escapar à indústria da morte nazista significou também a redução drástica do número de falantes do ídiche e, com isso, praticamente a destruição de uma rica cultura. E é justamente no sentido de resgate cultural que apontamos a relevância da literatura que versa sobre esse universo e seus habitantes. (...) (CORNELSEN, 2002, p. 320-321)

Encruzilhada entre o *shtetl* e o Xingu

Em *A majestade do Xingu*, a identidade cultural do judeu do *shtetl* está relacionada à condição econômica, social e cultural do narrador, personagem de uma infância muito sofrida, atravessada pela perda do irmão mais velho, vítima de tuberculose, pelo terror causado pela constante ameaça dos *pogroms* e pela condição material muito precária. Ao lado da identidade étnica a partir da qual o narrador se pronuncia, a inação e a negação são características desse personagem: não pôde ser amigo de Noel Nutels, não pôde

formar-se em medicina, não conseguiu adaptar-se à vida no Brasil e foi obrigado a sustentar a família atrás do balcão de uma loja, exercendo uma atividade que não gostava e que não atendia a suas ambições de ascensão social. O narrador apegou-se à possibilidade de transmitir alguns fatos relevantes da biografia do médico dos índios ao médico com quem passa seus últimos momentos, buscando alguma forma de compensação em sua vida monótona. A engenhosidade literária de Scliar faz uso da fala de um narrador terminal que tem por “interlocutor” (simulado discursivamente sem troca de turno dialógico) um médico, como se a identidade profissional despertasse no receptor da fala interesse pela narrativa das “aventuras” do “médico dos índios” ou mesmo por temas como a tuberculose (na Rússia ou no Brasil):

Noel Nutels, doutor. Noel Nutels.

O senhor nem sabe de quem estou falando. Vejo pela sua cara: o nome não lhe diz nada. Compreensível. O senhor ainda é muito jovem – aliás uma coisa que me assombra é que os médicos estão cada vez mais jovens; ou eu estou cada vez mais velho, não importa, o certo é que fui contemporâneo do Noel, o senhor não. O senhor não tem obrigação de saber quem foi Noel Nutels. E no entanto ele era famoso, doutor. Noel Nutels, o médico dos índios. Houve uma época em que era notícia de rádio, de jornal. Todos falavam em Noel Nutels. Com admiração. Com veneração, eu diria até. Eu recortava as notícias, os artigos, anotava as histórias que ouvia. Tenho toda a vida do Noel nessa pasta que está aí, em cima da mesinha. (...) (SCLIAR, 1997, p. 9)

A narrativa transcorre entre a “vida” ficcional do narrador, melancólico, insatisfeito, temeroso em relação aos brasileiros, aos índios, incapaz de lidar tranquilamente com as dores provocadas pela imigração, e alguns fatos da biografia de Noel Nutels, descrito no texto como hábil, bem humorado, comunicativo. Por meio da narrativa de fatos da trajetória desse médico sanitarista que saiu ainda criança com a família de um *shitel* no Sul da Rússia, formou-se em medicina no Brasil e decidiu cuidar da saúde dos índios do Xingu, *A majestade do Xingu* desperta a atenção do leitor para o caráter catastrófico e violento da história do Brasil colonial, caracterizado pela escravização e pelo extermínio de centenas de etnias indígenas. O romance de Scliar chama a atenção para as tragédias

étnicas sofridas pelos índios no processo de colonização e para a eliminação da cultura ídiche na Europa Oriental:

A Rússia. O senhor sabe que até hoje sonho com a Rússia? Pois sonho, sim. A Rússia, doutor... A Rússia a gente não esquece. Na Rússia tínhamos nascido, na Rússia vivíamos, muito mal, mas vivíamos. Nós éramos do sul, da Bessarábia, na fronteira com a Romênia. Quando eu nasci, aquilo era parte do grande império tzarista. Aos judeus estavam reservadas certas regiões, das quais não saíam – a menos que fossem ricos, claro, o que não era o nosso caso. Morávamos numa pequena aldeia, num shtetl, como se dizia em ídiche. Ídiche, doutor: ninguém mais fala essa língua. Como os idiomas dos índios, logo estará esquecida. Não vem ao caso, muita coisa logo estará esquecida. (SCLAR, 1997, p. 11)

Na Rússia, a presença dos judeus estava restrita a determinadas regiões, não podiam circular livremente pelo território russo. A série de limitações impostas aos judeus explicita a dubiedade da identidade cultural do judeu russo, característica recorrente na diáspora judaica em Estados nacionais que receberam judeus e os mantiveram policiados, vigiados. Essa contingência da identidade judaica na diáspora pode ser compreendida à luz do conceito de “etnicidade hifenizada”, utilizado por Jeffrey Lesser na reflexão sobre debates acerca da identidade nacional brasileira por parte de minorias étnicas imigrantes:

(...) Ao longo de todo o século XX, os integrantes de uma elite imigrante sempre crescente (estudantes universitários, diretores de colônias agrícolas, proprietários de grandes ou pequenas empresas, jornalistas e intelectuais) engajaram-se de forma atuante num discurso público sobre o que significava ser brasileiro – por meio de jornais, livros, da arena política e, com frequência, de movimentos de massa –, tendo como interlocutores políticos influentes, do nível estadual e federal, intelectuais e líderes empresariais. Eles criaram gêneros orais e escritos, nos quais as diferenças étnicas foram reformuladas para apropriar-se da identidade brasileira. Alguns insistiam em que, sendo “brancos”, eles se encaixavam numa sociedade tradicional que funcionava ao longo do *continuum* bipolar preto/branco. Outros, contudo, recusaram-se a categorizar nesses termos. Esses imigrantes (e seus descendentes) insistiram que novas categorias hifenizadas deveriam ser criadas sob a rubrica de “brasileiros”. Esse não foi um processo fácil ou suave, e as tentativas de legislar ou de impor a brasilidade nunca tiveram êxito. Ao nos aproximarmos da virada do milênio, o Brasil permanece sendo

um país onde a etnicidade hifenizada é predominante, embora não reconhecida. (LESSER, 2001, p. 19-20)

Nesse aspecto, o imigrante judeu conta com uma peculiaridade em relação aos demais grupos étnicos que imigraram para o Brasil: se a etnicidade hifenizada da maioria dos imigrantes tornava-se realidade no país de acolhida, no caso dos judeus ela já acontecia em seus países de origem. Os judeus sobreviveram na Rússia como os moradores do *shtetl*, portadores de identidades culturais construídas nesse espaço pela cultura ídiche, que ganha contornos nos hábitos da pequena aldeia, na língua específica, na forma das cerimônias e dos hábitos religiosos, marcas de uma identidade idiossincrática, policiada para que se mantenha a “estabilidade” do Império (GUINSBURG, 1996, p. 57-88).

Os índios, por sua vez, foram alienados da relação que haviam estabelecido com seus territórios. Talvez a primeira identidade hifenizada que existiu no Brasil foi a de “índios brasileiros”. Com a chegada dos europeus à América, os índios perderam seus territórios, foram colocados à margem da civilização ocidental, que no Novo Mundo seria resultado da colonização europeia. As tragédias do extermínio em massa das populações indígenas brasileiras e da “fuga” e desaparecimento dos judeus russos como comunidade étnica provocados pela precariedade material e violência dos *pogroms* aparecem comparadas no discurso do narrador e conferem um tom melancólico, ácido e irônico à narrativa. O narrador é capaz de transformar os índios em imigrantes também, numa mistura entre teorias de ocupação da América, lendas, mitos e especulações:

Viagem penosa, aquela no *Madeira*. Não tão penosa quanto a viagem dos índios, naturalmente, nem tão demorada. Milhares de anos antes de nós, milhares de anos antes de Colombo, milhares de anos antes dos vikings, milhares de anos antes que as naus do rei Salomão chegassem à Amazônia em busca de ouro e madeiras preciosas para o templo de Jerusalém, enfim, milhares de anos antes da história, tribos tinham saído da Ásia e, movidas pela fome ou por misterioso tropismo, tinham se dirigido primeiro para noroeste, para o que hoje é a Sibéria, e depois, atravessando o que é hoje o estreito de Bering, haviam chegado ao que hoje é o Alasca, descendo para o sul e se espalhando ao longo do que hoje é a América. Que viagem, doutor. Viagem? Não, a palavra não é essa. Viagem era o que nós fazíamos a bordo do *Madeira*. Aquela gente toda caminhando sem cessar, atravessando planícies e montanhas,

rios e desertos, descendo do Norte para o Sul, derramando-se pelo continente, aquilo ultrapassava os limites da simples viagem. Tratava-se de um longo e extraordinário movimento, análogo ao deslocamento das massas tectônicas; a comparação é adequada porque eles eram telúricos, os índios, ao passo que nós éramos – e o nome já diz tudo – passageiros. Como viajantes, éramos transitórios. Eles não, a viagem deles era algo permanente, eles a tinham no sangue – não, eles a tinham em cada célula, em cada elementar partícula dos corpos bronzeados. (...) (SCLIAR, 1997, p. 44-45)

A gradação feita por meio da ficção estabelece a presença dos índios como ancestral, anterior à história, em contraponto à presença recente dos judeus russos, que chegaram ao Brasil atravessando o Atlântico numa viagem de algumas semanas. Mas, se as diferenças entre o movimento dos índios e a viagem dos judeus russos são evidentes, elas não impedem a constatação de que, por um lado, se os índios foram desapropriados, exterminados, transformados em estrangeiros em sua própria “casa”, condenados a permanecer em territórios restritos estabelecidos por leis ambientais que nem sempre são respeitadas, por outro, os judeus sempre foram os intrusos impróprios e indesejados, não assimilados à nacionalidade russa, resistentes ao projeto de país soberano, quer durante o Império czarista, quer após a revolução de 1917. *A majestade do Xingu* é uma leitura da história a contrapelo, como descreveu Walter Benjamin (BENJAMIN, 1994, p. 222-232). Mais que uma relação pontual com a história do Brasil no século XX ou com a história dos judeus do *shtetl*, o romance de Moacyr Scliar procura, no passado, traços pouco explorados na narrativa da memória cultural da identidade brasileira, problematizando clichês frequentes no senso comum ou mesmo na narrativa tradicional da história (sobre os índios, os judeus, os brasileiros em geral). Por meio de movimentos de zigue-zague, ora do período colonial brasileiro ao século XX, ora do *shtetl* ao bairro do Bom Retiro ou ao Xingu, a ficção abre uma passagem no tempo e no espaço, viável apenas no terreno da verossimilhança, narrando momentos de violência contra um velho *schochet*, judeu responsável por alguns ritos religiosos do dia a dia da comunidade do *shtetl*:

(...) Sabiam disso os esbirros do tzar. Sabiam do amor que o pobre velho nutria por sua barba. Poderiam matá-lo – frágil, não resistiria a um coronhaço ou mesmo a um murro –, mas isso não lhes bas-

tava: o que tinham em mente era um suplício cruel. Com o velho subjugado por dois soldados, o capitão aproximou-se dele, declarou-se leitor do velho testamento e, com um sorriso irônico, perguntou se sabia o que era a sarça ardente. Sei, gaguejou o pobre schochet, foi aquele arbusto em chamas do qual o anjo falou a Moisés. Pois tu vais te transformar numa sarça ardente, replicou o capitão, uma sarça ardente muito mais interessante do que a de Moisés. Acendeu o cachimbo e, aproveitando o mesmo fósforo, pôs fogo na barba do velho. Uivando, aterrorizado, o schochet corria pela rua, a barba em chamas. Fala, sarça ardente, gritavam os soldados, fala com Moisés. (SCLIAR, 1997, p. 23-24)

No Brasil, mais precisamente no Xingu, o personagem histórico Noel Nutel é o centro de uma postura solidária de crítica ao genocídio e ao sofrimento dos índios. O médico sanitaria, pioneiro no trabalho de saúde pública dos índios, é ficcionalizado e sua presença na tribo possibilita a narração de “cenas” da violência étnica que marcou o processo de colonização. De uma forma ou de outra, junto com Noel chegarão ao Xingu roupas, sapatos, medicamentos, comportamentos, sotaques. Em *A majestade do Xingu*, para os índios, considerados por Darcy Ribeiro alternos aos brasileiros (RIBEIRO, 2004, p. 113), a transformação da identidade cultural transcorre como negociação, em que culturas distintas hibridizam-se numa espécie de mestiçagem cultural, em circunstâncias que extrapolam binarismos. O narrador, ainda que pretenda manter os índios distantes, acaba tornando-se permeável à negociação a partir de objetos culturais (tidos como) próprios da identidade brasileira, e a solidariedade de Noel evidencia a proximidade étnica instaurada pela violência do extermínio de povos e pelo apagamento ou silenciamento da diversidade cultural indígena:

Alguém lhe toca o ombro: é o intérprete. O cacique quer falar com o senhor, diz. Noel vira-se e ali está o cacique. À luz da madrugada, já não parece a esplêndida figura do dia anterior: nenhum enfeite, nenhuma pintura, nada, é bugre mesmo. Mas mostra-se grato: já esteve na oca, já viu a menina, já se convenceu de que sobreviverá, graças ao doutor Noel. Minha gente, diz, e o intérprete traduz suas palavras com evidente embaraço, sofreu muito por causa de vocês, brancos. Nós éramos fortes e saudáveis, agora andamos por aí, sem forças, e de repente começamos a emagrecer, e a tossir, e a escarrar sangue. O nosso povo está condenado, será que ninguém vai fazer nada por nós?

Começa a chorar, um chorinho sentido, manso, as lágrimas correndo-lhe pelo rosto, caindo na areia da margem do rio. Noel olha-o, comovido e surpreso. Nunca imaginara ver um índio chorando. Lembra um velho judeu sentado nas ruínas da sua casa, depois do pogrom, em Ananiev, soluçando e perguntando, até quando teremos de derramar nossas lágrimas, até quando.

Com a ajuda do intérprete, Noel tenta consolar o cacique. Trará outros doutores, trará remédios, os índios já não estarão entregues à própria sorte. O cacique parece não ouvir; fita, em silêncio, as águas do Xingu. Noel suspira. Suspeita que a pergunta do índio, como a do velho de Ananiev, ao fim e ao cabo ficará sem resposta. (SCLIAR, 1997, p. 115)

A majestade do Xingu traça um paralelo entre o *shtetl* e o Xingu. As tragédias étnicas do extermínio dos judeus do *shtetl* e dos índios são aproximadas através do personagem do “médico dos índios”. Em meio a uma quantidade significativa de identidades culturais (a de judeu do *shtetl*, a dos índios, a do intérprete, “ex-índio”, as dos militares), a presença de Noel Nutels no Xingu não apaga as diferenças. Sua atuação é um exemplo de solidariedade num ambiente de diferenças. Os fatores de homogeneidade são irônica e sobriamente descritos como condições materiais de subalternidade e suas relações históricas com as epidemias de tuberculose, numa apreensão das características escondidas pelo discurso da globalização, que prevê a circulação das mercadorias pelo mundo, a democratização da tecnologia e da informação, a consolidação da “aldeia global”. No romance, há uma espécie de “solidariedade” entre os atores históricos que compartilham situações de precariedade material, na Rússia ou no Brasil, ou ainda no movimento de vinda da Rússia para o Brasil que (des)mancha a tela do paraíso tropical pintada desde a colonização e explicita um processo de “globalização biológica”, de circulação internacional do “material” humano, em que grupos étnicos diversos se aproximam devido à miséria. A doença, que atravessa o Oceano Atlântico e o texto de Scliar, acompanha o narrador do *shtetl*, com a morte do irmão mais velho, ao Bom Retiro, bairro étnico de São Paulo, onde o protagonista faz uma digressão sobre o Padre Anchieta, estabelecendo uma relação direta entre a tísica e a história do Brasil:

Era um homem doente, o padre (Anchieta). Os livros escolares mencionam o fato sem dizer que doença era, mas a gente sabia que se tratava de tuberculose. Desde a época da Descoberta, a tísica

acompanhava a história brasileira – e continuava uma história bem presente: aqueles magros mulatos de olhar brilhante, febril, aquelas mulheres pálidas, emaciadas... Em nossa casa, tuberculose era um tema constante, como havia sido na Europa. Dela falávamos em voz baixa, evitando mencionar o nome maldito: Sabe o pai do Jaimeinho? Começou a tossir, a emagrecer, botou uma golfada de sangue pela boca e morreu. Sabe a Maria, a lavadeira? Começou a tossir, a emagrecer, botou uma golfada de sangue pela boca e morreu. Sabe o Francisco, aquele que vendia a prestação? Começou a tossir, a emagrecer, botou uma golfada de sangue pela boca e morreu. A qualquer momento qualquer um podia começar a tossir, a emagrecer; a qualquer momento qualquer um podia botar uma golfada de sangue pela boca e morrer. A tosse pontilhava o silêncio das noites paulistas, tirava-nos o sono; quando finalmente conseguíamos adormecer víamos, em nossos pesadelos, espectros esqueléticos espreitando das sombras, ondas de sangue rútilo e espumoso inundando as casas. Terror que partilhávamos com todos os brasileiros: a tísica como cidadania. (SCLAR, 1997, p. 70)

Numa perspectiva que estabelece a tuberculose como “índice de cidadania”, o personagem Noel Nutels transforma a premissa da solidariedade entre os espoliados em prática de vida. O “médico dos índios” aparece no romance não como protagonista de uma biografia pormenorizada; é antes de tudo personagem de uma ética em que a dedicação dispensada aos índios brasileiros não promove rupturas nas diferenças culturais, mas, ao reconhecer estatutos culturais distintos, aproximados pela violência de caráter étnico, luta pela preservação do patrimônio cultural contido nas próprias vidas dos aborígenes. A importância da imagem desse personagem histórico na construção da narrativa diz respeito à sua biografia, não na medida em que ela seja representável como o tema de um melodrama, mas do ponto de vista da aproximação entre o judeu do *shtetl* e o índio brasileiro sem que essas cargas de etnicidade se anulem, preservando as diferenças e estabelecendo pontos de aproximação. É através do personagem histórico Noel Nutels que o narrador-protagonista projeta desejos de se libertar dos fantasmas do *shtetl* e do Bom Retiro, vislumbrando o Xingu como outro espaço de suspensão de identidades, capaz de promover alívio às suas memórias sombrias e melancólicas:

Noel não voltará. O caminho que percorreu, e que continuará a percorrer, é irreversível. Ele não está fechado numa lojinha como eu. Ele não está encerrado na cápsula do tempo. Noel está

livre. Verdade, é uma encruzilhada, o lugar onde ele está. Ali se encontram dois caminhos, o dos índios que vieram da Ásia, o dele desde Ananiev. Nesse ponto de interseção, fora do espaço, fora do tempo, nesse entrecruzamento de destinos, Noel sente-se liberto. Respirando o ar puro, sutil do Xingu. Para trás ficou a cidade do Rio de Janeiro: os prédios maciços, as ruas cheias de gente; a fumaça dos ônibus, os gritos dos vendedores ambulantes, a ansiedade, o frenesi. Para trás ficou o navio de emigrantes, para trás ficou Ananiev. Noel libertou-se. Está feliz. (SCLiar, 1997, p. 108-109)

Conclusão

A majestade do Xingu tem como ponto de partida a história e a memória cultural dos judeus do *shtetl*, referências a partir das quais reposiciona estereótipos consagrados no senso comum sob os signos de “identidade brasileira” e “identidade judaica”. Na narrativa, a “identidade judaica” problematiza e até refuta imagens cristalizadas nos rótulos “colados” aos imigrantes judeus. O romance também desestabiliza imagens congeladas sobre a participação do índio na suposta formação da “identidade brasileira”, concebida como democracia racial.

O narrador-personagem anônimo desse romance de Moacyr Scliar reavalia estereótipos de dois grupos étnicos: os índios, considerados como os primeiros brasileiros, e os judeus da Bessarábia que imigraram para o Brasil no início do século XX fugindo da situação de segregação e violência física a eles imposta pelo Império czarista.

Chamando a atenção para formas de solidariedade étnica, *A majestade do Xingu* aproxima as tragédias dos grupos étnicos dos índios brasileiros e dos judeus russos, considerando-os sobreviventes do lado “perverso” da civilização ocidental após as grandes navegações. A reverência a Noel Nutels adquire contornos éticos à medida que se fundamenta em passagens da vida do médico sanitarista transcorridas em momentos relevantes da história e da memória coletiva do Brasil no século XX. Por meio do tom melancólico e irônico, o protagonista narra a trajetória de Nutels do *shtetl* ao Xingu e um pouco da história da imigração dos judeus do Sul da Rússia para o Brasil, sempre de um ponto de vista “deslocado”, inseguro sobre sua própria identidade e sobre a identidade daqueles em seu redor.

Contraopondo-se à tradição literária dos viajantes, observadores europeus responsáveis pela consolidação da apreensão de índios como seres exóticos, ligados à exuberância das belezas naturais dos trópicos, o narrador de *A majestade do Xingu* é um refugiado, para quem a imigração representou a sobrevivência: seu olhar consegue perceber as cenas das desgraças étnicas dos trópicos além das visões do paraíso, pois, ser recém-chegado à terra estrangeira implica posição de maior isenção em relação aos mitos fundadores da nação. Por outro lado, as contingências do judeu russo violentado pelos *pogroms* arranham as imagens dos imigrantes como aventureiros, desbravadores, empreendedores: a imigração está relacionada, no romance, com a fuga do ambiente ameaçador do Império czarista.

A majestade do Xingu é uma ficção sobre as sombras, os recônditos obscuros da história e da “identidade brasileira”, que propõe lugares para a literatura nas encruzilhadas: entre judeus russos e índios brasileiros, brasileiros e índios brasileiros, judeus russos e brasileiros. O texto não permite que nada se acomode sob nenhum desses signos, nem mesmo o personagem Noel Nutels, objeto das especulações, das dúvidas, da admiração, da inveja, do despeito, dos rancores do narrador-personagem. É uma narrativa contemporânea sobre inquietações identitárias, no contexto da transição do (trágico) século XX para o XXI, em que os processos vertiginosos de produção e de circulação das mercadorias e da informação na “aldeia global” insistem no apagamento ou enfraquecimento das especificidades culturais nos *shoppings centers*, nos estabelecimentos de *fast food*, que consagram os sabores do *american way of life*, na veiculação incessante de imagens consumidas como objetos culturais descartáveis, em que se corrompem as noções de respeito, ética, cidadania e solidariedade em nome da busca do lazer, da diversão, do prazer.

Noel Nutels é reverenciado sem que a ficção recorra à construção romântica de um herói: como parte do cenário em que as identidades culturais são transitórias e críticas, o “médico dos índios” torna-se exemplar somente por apresentar-se como exemplo de solidariedade aos índios. Como todos os demais mortais, Noel não consegue responder aos dilemas étnicos explicitados quando grupos culturalmente diferentes passam a conviver. A medicina, no Xingu, desnatura os significados culturais da doença, da cura e

da morte para os índios, afinal, a civilização é um processo irreversível, autoritário, impositivo.

Em todos esses sentidos e nos os demais que ficaram fora deste artigo, *A majestade do Xingu* é um romance sobre sombras e lacunas escondidas sob o grande vulto da “identidade brasileira”. Apresenta ficcionalmente ao leitor um pouco dos aspectos da crise étnica, identitária e antropológica que representa “ser brasileiro”.

Shtetl in Xingu: Cultural identity and memory in the novel ‘*A majestade do Xingu*’

Abstract:

This study is a result of an investigation on Moacyr Scliar’s novel ‘*A majestade do Xingu*’ (1997). It presents the relation among memory, history and cultural identity in the novel and shows how fiction is linked to history through a research about historical character named Noel Nutels. This study was based on the contemporary theories of cultural studies and some concepts like ‘cultural identity’, ‘cultural translations’ and ‘cultural negotiations’, considering how these basis help the comprehension about *A majestade do Xingu* as a novel that focus on aspects of ‘jewish identity’ and ‘brazilian identity’.

PALAVRAS-CHAVE: History; Jude immigration; Contemporary literature.

Referências

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da história. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 222-232.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CORNELSEN, Elcio Loureiro. O Shtetl e seus sapateiros. In: SCARPELLI, Marli Fantini/DUARTE, Eduardo de Assis (Orgs.). *Poéticas da diversidade*. Belo Horizonte: UFMG-FALE/Póslit, 2002, p. 318-342.

CURY, Maria Zilda Ferreira. *Navio de imigrantes, identidades negociadas*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 2002.

GUINSBURG, Jacó. *Aventuras de uma língua errante*. São Paulo: Perspectiva, 1996. [capítulos “O Shtetl” (p.57-71) e “Hassidismo e Hascalá” (p.73-88)].

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: Reflexões sobre a terra no exterior. In: SOVIK, Liv (Org.). *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, p. 25-50.

IGEL, Regina. *Imigrantes judeus/escritores brasileiros: o componente judaico na literatura brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1997.

LESSER, Jeffrey. *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. Trad. Patricia de Queiroz Carvalho Zimbres. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

RIBEIRO, Darcy. *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SCLIAR, Moacyr. *A majestade do Xingu*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Recebido em 28/09/2011.
Aprovado em 12/10/2011.